

Ayerbe, Luis Fernando. Apresentação. En publicación: O Ocidente e o "Resto". A América Latina e o Caribe na cultura do Imperio. Luis Fernando Ayerbe. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Programa de Becas CLACSO-ASDI. 2003. ISBN: 950-9231-85-1.

Acceso al texto completo:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/ayerbe/presentacion.pdf>

Fuente de la información: Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe - CLACSO - <http://www.clacso.org.ar/biblioteca>

Para Nestor, Lia,  
Graciana e Gaston  
Para Jane, Julia,  
Sandro, Mario e  
Marcos  
Para Maruca.



## Apresentação

*“A antiga divisão do mundo em dois blocos de poder, Leste e Oeste, já não existe. Hoje, o grande desafio e ameaça é o abismo em matéria de riqueza e saúde que separa ricos e pobres. Esse abismo é freqüentemente descrito em termos de Norte e Sul, porque a divisão é geográfica; mas uma indicação mais correta seria o Ocidente e o Resto, porque a divisão também é histórica”*

David Landes (1998)

O fim da União Soviética, além do significado político mais evidente da derrota frente aos Estados Unidos, teve importantes desdobramentos no campo do debate intelectual sobre os caminhos de desenvolvimento empreendidos pelas diversas sociedades ao longo da história.

Para alguns autores, a vitória dos Estados Unidos não representou apenas o fim de um período caracterizado pela bipolaridade nas relações internacionais, mas o reconhecimento inquestionável da superioridade do Ocidente, civilização responsável pela invenção de um modelo político e econômico que se mostrou historicamente insuperável na geração de riqueza, prosperidade e liberdade: o Capitalismo Democrático e Liberal, “ponto de chegada da história universal”<sup>1</sup>.

No debate conservador sobre a caracterização da ordem mundial pós-Guerra Fria, ganham destaque análises culturalistas<sup>2</sup>, que comparam as trajetórias de sucesso e insucesso de países, regiões e grupos étnicos na longa e sinuosa caminhada rumo à universalização do modo de vida ocidental<sup>3</sup>.

Conforme pretendemos mostrar neste livro, história, política e ideologia tornam-se dimensões complementares dessas abordagens, preocupadas com a construção de tipologias sobre os modelos de desenvolvimento, valores e atitudes<sup>4</sup> que tornaram possível o sucesso dos países do capitalismo avançado, dando sustento teórico à formulação de estratégias de inserção global para as periferias subdesenvolvidas.

Essa perspectiva também está presente na atuação internacional dos Estados Unidos. Para os governos eleitos após o fim da Guerra Fria, a política externa do país está a serviço da promoção de princípios de convivência humana considerados universais: a democracia representativa, a economia de mercado e o império da lei. Esses seriam os pilares fundamentais da consolidação de uma ordem mundial pautada pela paz e pela prosperidade, além de um marco de referência na caracterização dos seus aliados e inimigos.

O viés culturalista perpassa as administrações de Bill Clinton e George W. Bush, e ganha forte nitidez a partir de 11 de setembro de 2001. Os atentados em Washington e Nova York consolidam internamente as posições favoráveis à entronização dos Estados Unidos como principais responsáveis pela vigilância e punição dos inimigos da ordem, já não como guardiões do “mundo livre”, mas como protetores das fronteiras que separam a “civilização” da “barbárie”.

Tendo esse contexto global como marco de referência, nossa análise se concentrará nas relações interamericanas. O ponto de partida é a percepção da América Latina e do Caribe no debate recente sobre o Interesse Nacional dos Estados Unidos, dando destaque às abordagens centradas nos aspectos estratégicos associados à afirmação da herança cultural ocidental, que colocam em questão a existência de uma identidade latino-americana, apostando num processo de disseminação dos valores promotores do sucesso ao norte do hemisfério.

Essa última perspectiva assume contornos bastante nítidos a partir da convergência da maioria dos governos da região na implantação das chamadas reformas liberalizantes, que se consolidam nas últimas décadas do século XX, e nos acordos para a criação da Área de Livre-Comércio das Américas (ALCA) em 2005.

A partir da caracterização da abordagem hegemônica, estabeleceremos um contraponto com algumas posições que se apresentam como críticas da nova ordem, pautadas pela busca de alternativas capazes de recuperar e expressar perspectivas e interesses atualmente subalternos.

O livro está dividido em três capítulos, estruturados de maneira similar: uma apresentação das posições abordadas, buscando expor de forma ilustrativa os principais argumentos, incluindo a reprodução de partes relevantes das fontes documentais e bibliográficas selecionadas, seguida de uma análise dos temas tratados. Na seção final do terceiro capítulo, são sistematizadas as conclusões do trabalho.

O capítulo 1 discute os pontos de convergência entre as abordagens de intelectuais que caracterizam o fim da Guerra Fria como momento que explicita a vitória do Capitalismo Liberal, considerado o principal expoente da superioridade da civilização ocidental, e as análises de instituições que buscam a interlocução com o governo dos Estados Unidos, tendo em vista influenciar processos de tomada de decisões. A partir da discussão mais ampla sobre os significados culturais da Nova Ordem Mundial, são analisadas as diversas caracterizações da inserção latino-americana e caribenha na dicotomia “O Ocidente e o Resto”.

O capítulo 2 estabelece uma comparação entre as abordagens apresentadas no primeiro capítulo e a política externa dos Estados Unidos, a partir da análise de documentos governamentais. A seção final apresenta um balanço crítico da perspectiva do centro hegemônico.

O capítulo 3 faz um contraponto em relação às abordagens anteriores, analisando autores e instituições que colocam em questão a hegemonia norte-

americana e o chamado “pensamento único”, detendo-se nos argumentos que associam a construção de alternativas com o resgate de identidades de caráter regional, social e étnica.

O capítulo começa com uma síntese dos aspectos que consideramos centrais na concepção que orienta a política externa dos Estados Unidos, que serve como parâmetro de contraste com a análise das posturas que colocam em questão a Nova Ordem, orientando a organização das seções. A escolha de autores buscou incorporar, além da representatividade intelectual em relação aos temas definidos, vínculos institucionais com centros de pesquisa, organizações e eventos em que a busca de perspectivas a partir da América Latina e do Caribe está no centro da pauta.

Nas considerações finais, procurou-se resgatar as principais proposições resultantes dessas análises, destacando as possibilidades de convergência na construção de caminhos diferentes.

Este livro apresenta os resultados do projeto “A América Latina e o Caribe na Nova Ordem Mundial: um território sem utopia?”, financiado pelo Programa de Bolsas do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e da Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (Asdi), nos marcos do concurso “Culturas e identidades na América Latina e no Caribe”.

Tendo em vista o foco da pesquisa, centrado na sistematização de posições favoráveis e críticas da atual ordem hegemônica em torno da percepção da identidade latino-americana e caribenha, a análise dos autores e instituições selecionados teve como principal preocupação o dimensionamento da sua racionalidade. Não buscamos fazer uma crítica dos pressupostos teóricos do pensamento conservador, ou determinar critérios de inclusão e exclusão de autores no campo dos “verdadeiros” opositores do sistema, mas colocar em relevo a adequação de sentido entre os argumentos esgrimidos pelas diversas abordagens, os interesses envolvidos e as posturas políticas decorrentes.

Vivemos um processo de transição, tanto na postura da única superpotência, como dos setores negativamente afetados pela hierarquia mundial do poder. Se bem do lado dos Estados Unidos há um projeto cristalizado, no campo oposto, o descontentamento generalizado ainda não produziu sua alternativa sistêmica. Entre os fatores que explicam essa diversidade de situações, nossa análise colocou em primeiro plano as habilidades desenvolvidas pelo Império no exercício do poder, dando destaque àquela que consideramos particularmente desafiadora: a capacidade de tornar difusas ou explícitas –dependendo dos interesses em jogo– as fronteiras com o Resto, favorecendo a ampliação das suas alianças e o isolamento dos seus adversários.

\* \* \*

Considero um privilégio ter tido acesso à generosa bolsa do Programa CLACSO-Asdi, especialmente levando em consideração as restrições pelas quais passa o financiamento da pesquisa na América Latina e no Caribe, o que torna cada vez mais importante a continuidade e ampliação desse tipo de iniciativa. Agradeço às duas instituições por essa oportunidade.

Agradeço também aos colegas do CLACSO, especialmente à Atilio Boron, Secretário Executivo, e à Bettina Levy e Natalia Gianatelli, do Programa Regional de Bolsas, pelo apoio recebido em todas as etapas do trabalho.

A Werner Ackermann, antigo Diretor de FLACSO-Brasil, Ayrton Fausto, atual Diretor, e à Ricardo Ribeiro, também colega da UNESP, que avalizaram o projeto junto à CLACSO.

Ao Departamento de Economia da minha universidade, que me concedeu afastamento das atividades docentes durante o primeiro semestre de 2001.

Aos professores, pesquisadores e alunos do GEICD, pelo rico e permanente intercâmbio de idéias e experiências.

A Assunção Cristóvão, que revisou cuidadosamente a primeira versão do livro.

Ao parecerista anônimo(a) convidado pelo CLACSO para avaliar o relatório final, cujas observações críticas foram de grande auxílio nesta nova revisão.

À minha querida família brasileira e argentina, sempre presente nos momentos fundamentais.

Aos espíritos amigos, que me mantêm em sintonia com o desafio inesgotável de honrar a vida.

Muito obrigado.